

Organizado por
VERA PENTEADO COELHO
do Museu Paulista da USP

OS ALUCINÓGENOS E O MUNDO SIMBÓLICO

O uso dos alucinógenos
entre os índios da América do Sul

E.P.U. — Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
EDUSP — Editora da Universidade de São Paulo
São Paulo

1976

Uma coleção de naturalista perdida com material
etnográfico do Brasil ou
etnográfico do Brasil ou O caso de 1786
*Contribuição ao estudo de drogas dos
índios sul-americanos**

S. Henry Wassén

Em 1967 recebi de amigos do *Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia* uma cópia dos *Cadernos da Amazônia*, n.º 10, 1966, onde há um artigo sobre a vida e obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, da autoria de Glória Marly Duarte Nunez de Carvalho Fontes: um complemento valioso ao livro de Valle Cabral (1876-1878). Segundo o artigo, Ferreira, que seria o naturalista pioneiro na região amazônica, nasceu na Bahia, a 27 de abril de 1756. Aí por 1770 foi mandado para a Universidade de Coimbra a fim de fazer os estudos superiores. Era uma época de atividade científica em Portugal, durante a qual, para citar apenas um exemplo, foi fundado um museu de história natural. Ainda segundo sua biógrafa, em 1777 Ferreira foi nomeado "demonstrador" de História Natural na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra. Tendo sido aprovado no exame de História Natural em 1778, logo depois — aos 22 anos — foi recomendado para tomar parte em um programa de pesquisa científica no Brasil. Em 1778, recebeu o título de doutor e em maio de 1780 tornou-se membro da Real Academia de Ciências, em Lisboa. Vivia então nessa cidade, e, excetuando-se os escritos, dedicava seu

* Publicado originalmente sob o título "A naturalist's lost ethnographic collection from Brazil — or the case from 1786. A contribution to the study of South American Indian Drugs". In: *Göteborgs Etnografiska Museum*. Arstryck, 1969, pp. 32-52. Tradução de Rui Alexandre Correia da Costa.

tempo à "classificação e análise de espécimes do *Real Museu d'Ajuda*" (Fontes, 1966:II). Com isso me parece importante para o que vem a seguir, devemos fixar o nome desse museu. Aceitando uma sugestão de Miguel Franzini, o museu foi fundado pelo famoso marquês de Pombal para substituir uma espécie de gabinete de curiosidades, destruído pelo grande terremoto de 1755. Em 1836 o *Museu Real da Ajuda* foi transferido para a *Academia Real das Ciências*, tornando-se aí o embrião daquele que é, hoje em dia, o *Museu Nacional de História Natural — Museu Bocage*, da *Faculdade de Ciências de Lisboa*. Também o *Jardim Botânico da Ajuda* foi planejado durante a época de Pombal. Alexandre Rodrigues Ferreira foi seu segundo diretor, tendo sucedido a Domingos Vandelli. Esse Jardim Botânico (que tinha também um pequeno museu) foi posteriormente anexado à *Escola Politécnica*.

Durante os estudos em Portugal, em julho de 1968, para os preparativos finais de edição do meu trabalho, *Visão antropológica de plantas medicinais ameríndias*, lido no simpósio interdisciplinar "Plantas no desenvolvimento da medicina moderna" (patrocinado pelo Museu Botânico da Universidade de Harvard e Academia Americana de Artes e Ciências, maio. 8, 9 e 10, 1968),¹ encontrei no Museu Bocage várias listas de despacho de coleções, mandadas do Brasil para Portugal durante o século XVIII. Nessas listas, freqüentemente encontramos a frase: *com destino ao Real Museo Nacional da Corte, cidade de Lisboa, a saber* — acompanhado de um inventário.

O precioso material manuscrito, também pelo punho do próprio Ferreira, agora para o poder consultar no *Museu Bocage* de Lisboa, foi-me posto completamente à minha disposição pela Dra. Maria Rodrigues Morais Nogueira. Ele lá está, graças à origem histórica do museu. Imediatamente após a morte de Ferreira, em 23 de abril de 1815, o Visconde de Santarém, com ordem de 5 de julho do mesmo ano, determinou que todos os papéis do naturalista fossem guardados no Real Museu da Ajuda. A pessoa encarregada de executar a ordem, Felix de Avellar Brotero, escreveu um catálogo com o seguinte título: "*Catálogo geral dos papéis pertencentes à viagem do Sr. D.ºr Alex.º Rôiz Ferreira dos Estados do Brasil, que me foram entregues por ordem do Ill.ºm e Ex.ºm Sr. Visconde de Santarem*".

¹ Trabalho baseado no texto de um dos capítulos de *The Anthropological Outlook*, etc.

Esse catálogo foi publicado por Valle Cabral (1876-1878, pp. 110-129) e é muito importante, pois mostra claramente que grande parte dos originais das *Memórias* de Ferreira, atualmente entre os *Códices* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ainda estavam em Lisboa quando da morte do autor.

Em 1783 Ferreira partiu para o Brasil, cumprindo o Decreto real que ordenava a assim chamada *Expedição filosófica*. Fez inúmeras incursões, até o seu regresso ao Pará, em janeiro de 1792. Retornou a Portugal em 1793. Apesar de ter sido nomeado para o cargo de diretor do *Real Gabinete de História Natural* e ter ocupado outros cargos importantes, a sua vida em Portugal não foi das mais felizes. Morreu a 23 de abril de 1815. Depois de muitas peripécias, as suas coleções tão cuidadosamente classificadas, rotuladas e enviadas ao Museu d'Ajuda, foram abandonadas durante sua ausência. A maior parte do material embaralhou-se, as etiquetas desapareceram e, pior ainda, Ferreira não conseguiu ajuda financeira para a publicação de seus manuscritos intitulados *Memórias*. O golpe final veio com a invasão napoleônica, quando várias peças do museu de história natural foram levadas para a França. Glória Fontes cita essa informação em uma nota de rodapé, na página 21 da vida e obra de Ferreira. A ordem de envio das peças foi assinada em Lisboa, a 3 de junho de 1808, pelo duque de Abrantes, Domingos Vandelli, diretor do museu d'Ajuda, foi obrigado a deixar que o representante francês, sr. de Géoffrey, levasse o que quisesse.

Deixando de lado o cenário histórico e voltando para o Brasil, ali encontramos Rodrigues Ferreira escrevendo a 13 de fevereiro de 1786, em Barcellos, Rio Negro, uma das suas muitas *memórias*, na qual se refere aos instrumentos utilizados pelos índios Maué para tomar *paricá*. Trata-se da coleção que Ferreira despachou na caixa n.º 7 da primeira carga de navio partindo do Rio Negro. O texto completo dessa *memória* encontra-se no apêndice. O manuscrito original, que se encontra na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, intitula-se: "*Memória sobre Os instrumentos que usa o Gêntio pa tomar o tabaco Paricá — os quaes forão remettidos no Caixão N.º 7 da primeira remessa do Rio Negro.*" Foi descrito nos *Anais da Biblioteca Nacional*, Vol. 72, como "4 pág. 32 x 21.5 cm. Códice, Sem o nome do autor". Parece ter sido publicado na Revista Nacional de Educação, n.º 8, pp. 74-76, Rio de Janeiro, maio, 1933. Essa edição, porém, não se encontra disponível e não está incluída entre

os dez itens atribuídos a Rodrigues Ferreira na "*Amazônia-Bibliográfica*", 1614/1962, publicada no Rio de Janeiro, em 1963, pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. O manuscrito é, todavia, citado por Valle Cabral (1876-1878: 114) na seguinte forma: "Memória / sobre / os Instrumentos, de que usa o Gentio p.^a tomar o tabaco — Paricá — os quaes forão re-/mettidos no Caixão N.º 7 da primeira remes-/sa do Rio Negro./ — *Original*, com correções escriptas da própria mão de Ferreira. Cód. CXVI 16-17 2 ff. não num. 26 x 12. No alto da primeira folha se-le: N.º 40. -*Drummond*. (Coll. Lag.)." Drummond foi embaixador do Brasil em Portugal e, naturalmente, muito se interessou pelos manuscritos de Ferreira. Podemos até supor que a ele se fica a dever o envio dos originais de Ferreira para o Brasil. O estudo do original foi possível graças ao embaixador da Suécia no Rio de Janeiro, Conde Gustaf Bonde, que conseguiu uma fotocópia do manuscrito. A transcrição do texto foi feita por Hildon Hermes da Fonseca junto da Embaixada do Brasil em Copenhague. Estou sumamente grato a esses dois amigos.

Como as primeiras descrições detalhadas sobre o material de aspiração de paricá pelos índios Maué foram as de Ferreira — além da coleção do mesmo enviada ao Museu da Ajuda —, é interessante ler o manuscrito e tentar descobrir o paradeiro da coleção. Quanto à descrição, ela se encontra no apêndice, em sua forma original.

Os pequenos tabuleiros de madeira para aspiração empregados pelo "Gentio Magué" (maué) teriam o formato de animais; um deles foi descrito pelo proprietário indígena como um jacaré. A madrepérola usada para enfeite dos tabuleiros é chamada *itaã*, e o lugar onde é colocado o pó, *paricá-rendana*, ou como diz Ferreira, "val o mesmo que lugar em que se vasa o Paricá." Dois tubos feito de osso de ave, assim como o nome de diversos pássaros, são também mencionados. Os tubos têm dois coquinhos em uma extremidade que servem para as narinas. É afirmado explicitamente que o pó é espalhado no tabuleiro. A aspiração tinha lugar em cerimônias especiais ("*grandes Bacchanaes*"), para o que se construíam casas especiais ("casa-paricá"), também uma casa para guardar o *paricá*. A festa iniciava-se com o açoitamento cerimonial de pares de homens entre si. Pela descrição, facilmente reconhecemos os rituais de *yurupari*, relacionados aos demônios da vegetação, comum a diversas tribos da

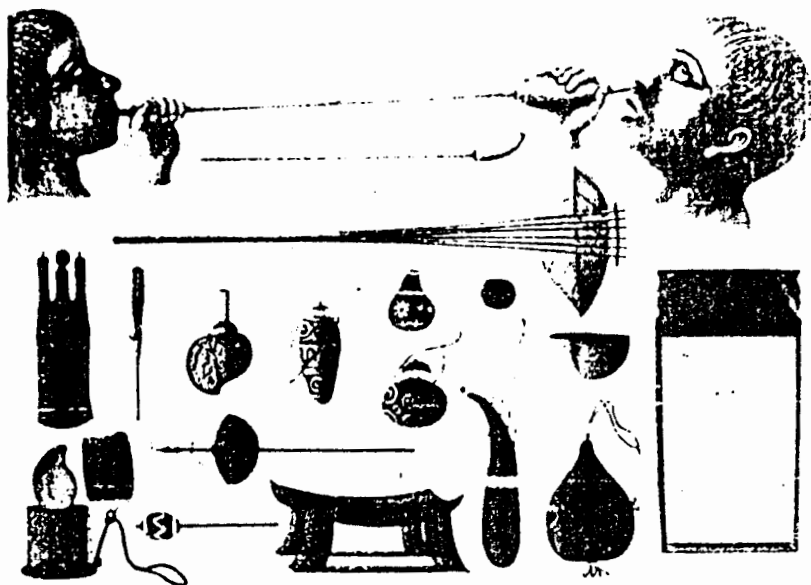


Figura 1. Peças etnográficas que aparecem em uma das ilustrações dos manuscritos de Ferreira. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Amazônia Tais festas tinham uma longa duração e eram feitas na época em que o fruto da palmeira e outros alimentos estavam aptos para se comer, de modo que havia abundância de comida e bebida. Concluindo, Ferreira menciona a virtude narcótica do Paricá e o caráter violento de tais festas.

Igualmente se guardam na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ilustrações da *Viagem filosófica* de Ferreira. Quando Ferreira saiu de Lisboa, na manhã de 1.º de setembro de 1783, acompanhavam-no dois desenhistas. Seus nomes, juntamente com o de um jardineiro com treinamento em botânica, aparecem em um manuscrito do Museu Bocage, em Lisboa, onde se lê: "*Roteiro das viagens que fêz pelas capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato-Grosso e Cuyabá Alexandre Rodrigues Ferreira quem acompanharã os Desenhadores Joseph Joachim Freire, Joachim Joseph Codina e o jardineiro botânico Agostino Joachim do Cabo.*" A esse título Ferreira acrescentou: "*Per mare, per terras, tot adire pericula jussus*" ("posto em perigos mil, quer na terra quer no mar"). Uma das ilustrações mostra "*instrumentos de música, ornatos e utensílios domésticos dos gentios.*" Foi

publicada no trabalho de Glória Fontes, acima citado, e seu número de catálogo, na Biblioteca Nacional, é 21, I, 1 n.º 89 (figura 1). Um dos detalhes mostra um índio servindo outro, assoprando o pó através de um tubo comprido (figura 2). Logo abaixo dessa figura (também publicada como fig. 41, in Wassén, 1967a) vemos outro tubo, uma escova, um estojo feito de concha e também um tabuleiro de aspiração com três cabos (figura 3). Este último detalhe é especialmente interessante (cf. Wassén, 1969, fig. 10, e texto pág. 91-98). Eu até o momento não vi nenhum outro tabuleiro, *recolhido por etnógrafos*, que tenha *três* cabos. Sabemos que inúmeros desse tipo fazem parte de descobertas arqueológicas, no norte do Chile e noroeste da Argentina (a cultura Atacameño, *vide* Wassén, 1967, várias ilustrações e em 1967a, fig. 28, assim como Wassén, 1969, fig. 11). Se os tabuleiros com tres figuras servindo de cabo existiam entre os Maué ou outras tribos da Amazônia, já no fim do século XVIII, como está na ilustração de Ferreira, isso vem corroborar a idéia sugerida em meu trabalho para o simpósio de São Francisco, em 1967 (Wassén, 1967: 282), segundo a qual encontramos "uma série de evidências de uma cultura primitiva amazônica na região de Atacama". Essa posição foi também defendida abertamente pelo meu colega de Munique, Otto Zerries, entre outros. No *Sumário* de um seu estudo de 1968, pág. 139, diz ele o seguinte: "Tanto do ponto de vista etnológico quanto arqueológico, inúmeros paralelos podem ser traçados entre a região sul dos Andes e a das florestas tropicais da América do Sul". Depois de discutir minhas idéias a respeito da influência amazônica, na região de Atacama, o Dr. Zerries continua seu *Sumário* (pág. 140):

Como o acento na dispersão e importância desses fenômenos é localizado na região de floresta tropical, deve-se supor que esta tenha exercido influência sobre o Sul dos Andes. Tendo em vista as várias observações etnológicas, o mesmo será válido para o complexo de aspiração ritual, antigamente conhecido dos Atacameño e Diaguita. Esse complexo, que só se tornou conhecido através de descobrimentos arqueológicos da parafernália envolvida — tabuleiros e tubos — é, contudo, encontrado frequentemente nas florestas tropicais, especialmente no noroeste, entre tribos mais recentes. Há paralelos notáveis entre os cabos com formato de cabeça de animais, encontrados entre os Atacameño e os da tribo tupi dos Maué, no baixo Tapajós.

Zerries conclui dizendo: "Contudo, a questão sobre as origens do complexo de aspiração não pode ainda ser encerrada de maneira conclusiva porque, até o momento, as descobertas arqueológicas em

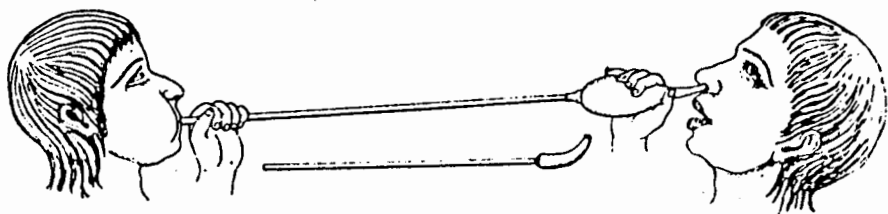


Figura 2. Detalhe. Dois índios usando um tubo de aspiração.

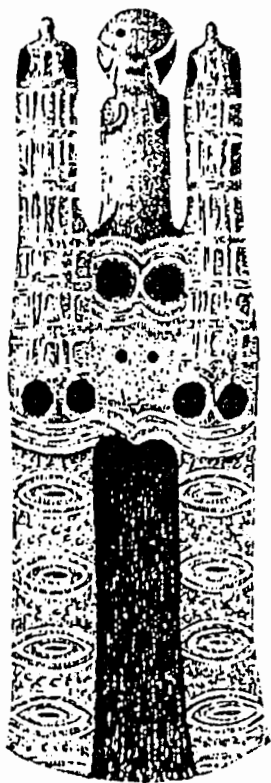


Figura 3. Tabuleiro de aspiração mostrado na figura 1. Desenho baseado em microfotografia do original.

Costa Rica, Caribe, bacia inferior dos Amazonas, sul do Brasil e Uruguai, são provavelmente mais recentes do que aquelas da região sul-andina." Gostaria de suplementar essa afirmação enfatizando a grande necessidade de resultados de estudos adicionais sobre distribuição botânica assim como análises do pó narcótico encontrado em descobertas arqueológicas.

Em publicação recente, o dr. Plutarco Naranjo refere-se a dois cachimbos ou inaladores de cerâmica, escavados na região de Ambato, no centro de Equador. Essas peças do Museu Etnográfico da

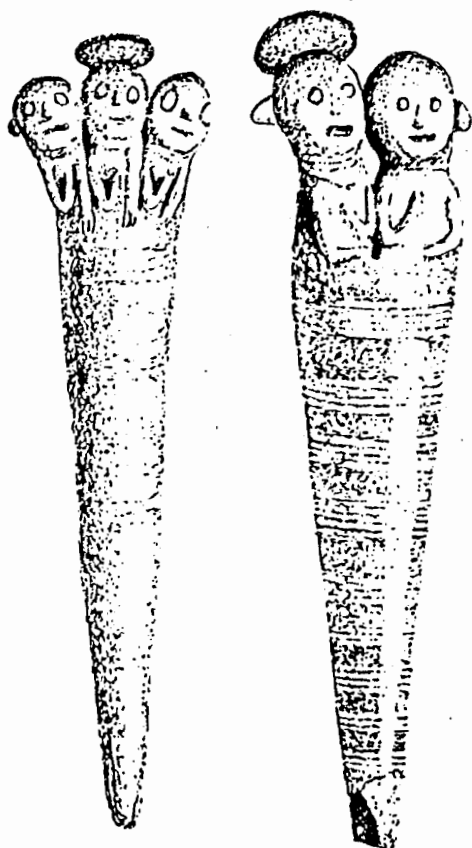


Figura 4. Tubos ou inaladores em cerâmica com figuras humanas. Descobrimientos arqueológicos da região de Ambato, Equador. 29 cm. Desenho feito de uma foto mandada pelo sr. Plutarco Naranjo, juntamente com sua publicação de 1969.

Universidade Central, em Quito (uma terceira peça semelhante existiria no "*Museo del Colegio Bolívar*", em Ambato) são da maior importância, pois têm em seu topo, respectivamente, duas e três figuras humanas (figura 4). Segundo Naranjo, apenas uma das cabeças tem ligação com o condutor interno, evidentemente aquela com uma cavidade especial em cima. Segundo ele, o pó era assoprado da extremidade com as cabeças, sendo que a ponta do instrumento era colocada nas narinas do receptor. Considera que a representação de duas ou mais figuras humanas (ou animais) expressa o fenômeno de despersonalização que ocorre durante a fase alucinatória. Para ele, esse tipo de inalador é outro exemplo do intercâmbio cultural entre a região amazônica e andina, já que a região de Ambato, em épocas muito remotas, esteve em contato com as tribos amazônicas, através do vale do rio Pastaza, um dos tributários do rio Amazonas.

Se voltarmos à figura 3, veremos claramente que a figura central, dentre as três que formam o cabo, é uma escultura humana mais ou menos do mesmo tipo das duas figuras do cabo de um espécime arqueológico exposto em Wassén, 1967a, fig. 31, um tabuleiro de madeira vindo de Calama, Antofagasta, Chile e agora no Field Museum of Natural History. Os outros dois cabos das peças recolhidas por Ferreira parecem representar animais, crocodilos — a julgar pelo tipo de decoração do corpo do animal, ou então cobras, pela língua protuberante, elemento típico das peças Maué mais antigas — posso indicar as figuras 19 e 20 do meu trabalho em sueco (Wassén, 1967a). É também interessante que na peça de Ferreira possamos distinguir uma cabeça estilizada ou rosto, abaixo da figura central, que pode ser comparada à cabeça humana, vista na mesma posição em uma peça do Rio de Janeiro (2913, de 1973), publicada por Wassén, 1967a, como fig. 19, aqui figura 5. Outros detalhes de ornamentação do espécime de Ferreira têm semelhanças com a peça do Rio de Janeiro. Infelizmente, a ilustração no trabalho de Glória Fontes não é muito clara. Assim, baseei os desenhos deste trabalho em ampliações do original.

Naturalmente, tendo lido a *Memória* escrita em Barcellos, em 1786, e curioso em ver um tabuleiro da Amazônia com três cabos, eu deveria tentar descobrir se a caixa n.º 7 algum dia chegara a Lisboa. Parece que sim. Os dados que o sr. Thorsten Andersson, diretor da *Lisnave, Estaleiros Navais de Lisboa*, transmitiu em uma carta de 9 de fevereiro de 1968, confirmam-no. Esse meu amigo

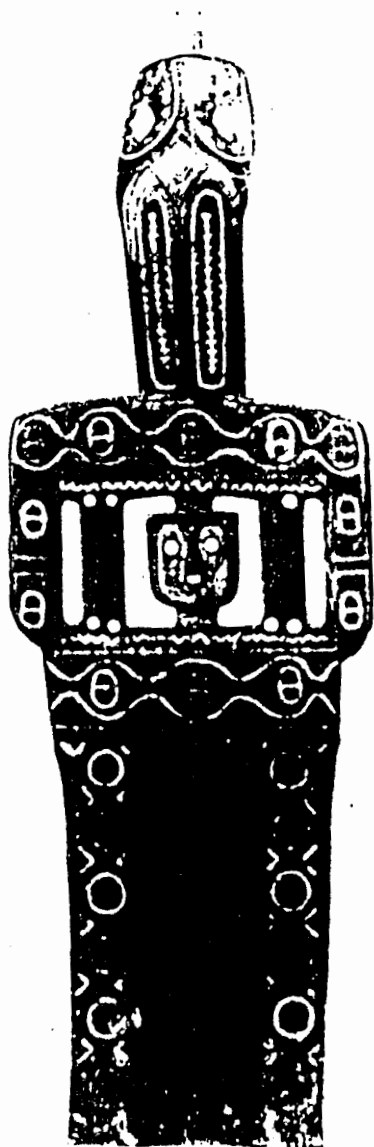


Figura 5. Tabuleiro de aspiração, em madeira, com ornamentação em baixo-relevo feita de madreperola e tinta branca. Largura do tabuleiro: 38 cm. Catalogada sob número 2913 no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Classificada como originária dos índios Maué e utilizada para *puricá*. Comissão do Madeira, 1873.

sueco, radicado em Portugal, interessou-se pelo problema e destacou um de seus empregados, o sr. António Luiz Gomes, para empreender uma busca sistemática na cidade de Lisboa, a partir das minhas informações. A caixa mesma não foi encontrada, nem os espécimes citados por Ferreira em sua *Memória*. Em um relatório de 8 de março de 1968, o sr. Luiz Gomes comunicava-me haver visitado as seguintes instituições: *Sociedade de Geografia de Lisboa*, *Museu Etnológico Português*, *dr. Leite de Vasconcelos*, *Palácio Nacional da Ajuda*, *Junta Investigação do Ultramar* e a biblioteca da *Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. A biblioteca do *Palácio Nacional da Ajuda* foi também contactada. Nenhuma dessas instituições pôde informar diretamente sobre a caixa ou seus conteúdos; o dr. Ernesto Vega de Oliveira, membro da diretoria do *Ceniro de Estudos de Antropologia Cultural da Junta de Investigação de Ultramar*, referiu-se ao fato como uma "extraordinária documentação, infelizmente perdida.". Posteriormente outra resposta negativa veio da *Fundação da Casa de Bragança*, relativa a uma sugestão nossa de que a caixa houvesse sido presenteada à família real e estivesse assim guardada no *Palácio Ducal de Vila Viçosa*.

Depois dessa primeira busca, eu mesmo tentei descobrir o destino do material enviado por Ferreira. Isso em julho de 1968; durante meus estudos em Lisboa, Figueira da Foz (Museu Municipal dr. Santos Rocha, onde há uma pequena coleção com material do Brasil), Coimbra (Biblioteca da Universidade) e na Casa da Insua, mansão da família Albuquerque na vila de Penalva do Castelo ou Castendo, onde se encontra uma documentação sobre Ferreira: "Correspondencia official para Luiz d'Albuquerque 1786". Segundo informação do dr. Alberto Iria, diretor do Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Senhor de Insua, nasceu a 21 de outubro de 1739 e morreu em Lisboa, a 7 de julho de 1797. A 4 de julho de 1771, o rei D. José I assinava uma *carta-patente* nomeando-o *Governador e Capitão-General* de Mato Grosso e Cuyabá. Seus deveres oficiais terminaram a 1.º de julho de 1790. Nos papéis do governador, de 1786, encontramos um documento de Barcellos (15 de abril de 1786) escrito por João Pereira Caldas "para o Dr. Naturalista Alexandre Rodr. Ferreira", no qual o remetente afirma que um carregamento havia sido enviado "à Soberana Prescencia de Sua Majestade". Isso é importante porque afirma nossa hipótese de que o material de Ferreira houvesse

sido enviado diretamente ao soberano de Portugal, na época D. Maria I (nascida a 17-12-1734, morta no Rio de Janeiro a 20-3-1816) e a seu "rei-consorte", D. Pedro II. Isso foi depois confirmado através de uma carta de Ferreira a Sua Majestade. Essa, datada de Barcellos, a 30 de março de 1786, consegui encontrá-la entre os documentos mantidos no Museu Bocage, em Lisboa. Como ela dá um sumário dos diversos carregamentos que Ferreira embarcou do Brasil para Lisboa, eu cito o texto na íntegra, mas gostaria também de indicar aos leitores interessados a relação dos diversos relatórios de Ferreira, feita por Valle Cabral. Escreve o dr. Ferreira:

Tenho até aqui dado a ler a V. Ex.^a a História da minha viagem, desde esta Villa de Barcellos, ate a primeira Cachoeiro do Rio Uaupes. Segue-se ajuntar a ella a relação dos Productos observados, e recolhidos, que são os que agora remetto p.^a o Real Gabinete, incluidos nos dezoito volumes, que constituem a remessa deste Rio.

Vão juntas sette Memorias de diferentes titulos, a saber a *primeira* = Sobre as tartarugas, que são preparadas, e remetidas nos Caixoes n. I até... (difícil de se ler). *Segunda* = Sobre os peixes Bôy, que forão preparados, e remetidos da Villa de Santarem nos seis caixoes da ultima remessa da capitania do Para, e do que agora se remette nos Caixão N. 9. *Terceira* = Sobre as cuias, que fazem as Indias de Monte Alegre, e de Santarem, para ser appensa as amostras que remetti no Caixão N. I da primeira remessa. *Quarta* = Sobre a Louça, que fazem as Indias de Barcellos, para ser appensa as amostras delle que forão remetidas nos caixotes Nos. 1, 5 e 8. *Quinta* = Sobre as salvas de palhinha pintada pelas Indias da Villa de Santarem. *Sexta* = Sobre o isqueiro ou caixa de guardar a isca para o fogo.

Septima e última = *Sobre os Instrumentos que usa o Genticio para tomar o tabaco paricá.*

É de lamentar que nada do material etnográfico enviado a Portugal por Ferreira tenha sido ainda encontrado. Concordamos inteiramente com as palavras de Valle Cabral (1876-1878: 105): "*Que o d.º Alexandre Rodrigues Ferreira foi sábio consciencioso e infatigável não há contestação alguma.*" Ele não se limitou a enviar a parafernália de aspirações, apenas dos índios Maué. O documento n.º 50, papéis relativos ao dr. Ferreira, no Museu Bocage, deixa ver com clara evidência que este entregara ao sr. João Pereira Caldas material dos índios Mura para ser também enviado. Esse material (= "*várias curiosidades do Genticio*") foi coletado por outra pessoa, de forma a economizar o tempo de Ferreira. Esse documento, datado de 14 de dezembro de 1786, fornece uma lista de artefatos do "Genticio Múra" enviados ao "*Real Gabinete de Historia Natural*". Em

outro documento, de janeiro de 1787, mencionam-se mais espécimes ainda a serem enviados, entre eles "*três caixas de tabaco = Paricá*" e "*dous bocaes por onde tomão (por tomam) o d.^o Paricá*".

Pode-se também conjecturar que os tubos de aspiração etc., foram mandados para a França em 1808; porém, os documentos relativos a esse envio, como os apresenta Glória Fontes (pp. 21-22), mencionam unicamente mamíferos, aves e peixes; portanto, essa hipótese foi posta de lado. Surgiu outra, porém. Segundo meu informante em Lisboa, uma importante coleção etnográfica foi mandada dessa cidade para Madrid em 1892, por ocasião do 4.^o centenário do descobrimento da América. Essa coleção seria exibida em Madrid, é tudo o que se sabe a respeito. Contudo, alguns itens interessantes são descritos em um catálogo publicado pela Real Academia de Ciências, em Lisboa, especialmente para a exposição. O catálogo foi redigido por A.C. Teixeira de Aragão (*vide Bibliografia*, Teixeira). Examinando-o não se encontra menção específica a Ferreira ou outro colecionador. Mesmo assim, tem-se a impressão geral que as coleções organizadas por Ferreira foram incluídas na amostra enviada a Madrid. Há uma referência especial ao Rio Negro e outras regiões visitadas por Ferreira, além de se afirmar que as coleções foram reunidas no século dezoito. Como isso é importante, prefiro fazer uma citação (pág. 4 do original): "*Os objetos de arte e industria dos indigenas americanos, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia à exposição de Madrid.*" — "*pertencem — ao seu museu, e foram pela maior parte adquiridos no século XVIII nas margens do Amazonas, ilha de Marajó, grutas de Maracá, Rio Negro, etc.*" Em segundo lugar, vários tubos de aspiração são mencionados no catálogo como "tubos de cana". Isso com referência aos números 379, 380 e 380a faz-se uma descrição especial, que corresponde ao tubo mostrado na ilustração de Ferreira (figura 2). A peça 380a é descrita como *outro tubo também enleado com fios de algodão. O cabaço é maior, com a forma pyramidal e está preso com pez. Comprimento 0m.73.*"

Está claro que sabia-se ser um tubo para aspiração, como é evidente na continuação do texto do Catálogo:

Estes tubos são usados pelos indios Múras para tomar o tabaco Paricá. (O paricá é o fructo de uma arvore, que os gentios depois de torrado reduzem a pó fino. É muito usado pelas tribus do Amazonas.) Depois de reduzido a pó fino é deitado no cabaço que aplicam a uma das narinas, e outra pessoa

assopra com força pela extremidade oposta. O efeito que produz assim o tabaco é muito violento, chegando por vezes a fazer perder os sentidos, e promove sempre grandes descargas de pituita. Além dos tubos de caniços também empregam as hastes delgadas, que sustentam a fortificação das palmeiras — Marajá e outras! Algumas vezes reúnem dois tubos, como é mais vulgar, duas tibias do gavião, applicando um dos seus extremos no pó do paricá, e o outro as narinas, e assim o vão aspirando moderadamente. O paricá é também substituído pelo pango, tabaco africano.

Ao analisar a descrição, o que me surpreende à primeira vista é a questão do recipiente no tubo (figura 2). Quando em meu trabalho 1967a (pág. 107, nota 2) comento o desenho no manuscrito de Ferreira, com dois índios aspirando em um longo tubo com um "recipiente", considerei o detalhe em forma de bulbo como uma maneira errada de se desenhar a noz, que é usada no extremo do tubo para que este se ajuste às narinas. Ferreira fala de tubos duplos, de ossos de ave, mostrados e.g. in Wassén 1965 (figs. 9, 17, 22 e 23), com dois "*coquillos da Palmeira Yu-hue*" ajuntados às extremidades. Não escreveu nada sobre "recipiente" no tubo, mas o autor do Catálogo da coleção mandada à Espanha em 1892, deve ter visto um espécime com um cabaço (recipiente) com a "forma pyramidal" e "preso com pez". Pela descrição que se encontra no catálogo, quanto à maneira de utilização da peça, acho que esta só poderia ser feita por alguém que tivesse visto de perto o tubo mostrado no desenho de Ferreira, única maneira de se esclarecer o detalhe quanto ao recipiente. A idéia de um "recipiente" faz sentido no desenho, já que o índio que recebe o pó é visto com a mão em volta do "cabaço", ao mesmo tempo que segura o fim do tubo em seu nariz.

Em uma fonte brasileira, que não é senão do famoso general e indianista Rondon, menciona-se o extinto grupo Kepikiriwat, dos Tupi, como praticantes da aspiração através de tubos. Os Kepikiriwat viviam ao sul dos Nambikwara, nas cabeceiras dos tributários sulinos do rio Machado, à direita do Guaporé (Lévi-Strauss, 1948: 372). Segundo Lévi-Strauss, em *Tristes Tropiques* (1955: 374), os Nambikwara eram inveterados "fumeurs de cigarette", enquanto seus vizinhos Kepikiriwat e Mundé (Mondé) aspiravam o tabaco por meio de "tubes insufflateurs". Em outubro de 1916, em alocução feita pelo general Rondon na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, este descreve para seus ouvintes, no Congresso do Brasil, um cerimonial de aperto de mãos entre os índios Kepikiriwat, os quais ele freqüentemente visitara:

"Não fumam, mas usam tomar rapé por meio de um dispositivo bastante engenhoso, o qual consiste em um tubo de taquarinha, de dois palmos de comprimento, tendo em cada das extremidades, um pequeno recipiente de coco. Estando o recipiente carregado de pó de tabaco, a pessoa que vai tomar a pitada aproxima-o das narinas, e uma outra pessoa, servindo-se da extremidade livre do tubo, sopra por elle, fazendo o rapé penetrar nas fossas nasales do tabaquista, que auxilia a operação mediante profunda inalação. Este dispositivo, a que se não podera negar o merito da novidade, e ao qual eu attribuo qualidades excellentes, entre outras a de não ser aggressivo como o cigarro Nhambiquara, tem em Kepikiri-uat o nome de Nharimã-cap." (Rondon, 1916, coluna 6863.)

Temos aí uma testemunha ocular. Se Rondon realmente viu um tubo com recipiente especial, sua observação tem muito interesse. Há também a possibilidade de que estivesse observando um desses "tubos que terminam em uma noz oca, frequentemente com o formato de cabeça de pássaro" (Lévi-Strauss, 1948: 378).

Voltando à descrição do catálogo português, temos no final a informação de que *pango*, ou "tabaco africano", poderia ser usado em lugar do *paricá*. Isso deve ter relação com o preparo de *Cannabis*. No *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de António de Moraes Silva (vol. VII, pág. 733, Lisboa, 1954), a palavra *pango* significa "planta myrtácea, também chamada *liamba* (*Cannabis sativa indica*), fumada por alguns nativos africanos". A não ser pela família botânica equivocada, já que *Cannabis sativa* L. pertence às Moráceas, a informação é substancialmente correta. Os nomes *liamba*, *riamba* e *diamba*, para *Cannabis sativa*, são encontrados entre tribos de Angola (Ficalho, 1947: 264), e a consoante inicial variante é apenas uma maneira diferenciada de pronúncia. Outras palavras empregadas para o preparo de *Cannabis* são: *aliamba*, *birra*, *dirigio*, *haxixe*, *maconha* e *soruma*. Em uma nova edição de *Phantastica*, de Lewin (1964), menciona-se o culto da *Riamba* entre os Kassai. O texto do catálogo português parece indicar a aspiração de haxixe (Lewin 1964: 114 apresenta os Wanyamwesi, do leste da África, para exemplificar fumo de cânhamo e inspiração de haxixe). Que eu sabia, qualquer uso de *Cannabis sativa* indica que deve ter tido uma introdução pós-columbiana na América do Sul; se a palavra *pango* foi introduzida na língua portuguesa, possivelmente veio de *bhanga*, usada na Índia e em Tanganyka para preparo de *Cannabis*. (Veja-se Lewin, "Gifte und Vergiftungen", pág. 865, e Watt e Breyer-Brandwijk, 1962: 761). Segundo Pereira (1954:68), a nova droga *dirijo* ou *diamba* foi introduzida entre os Maué pelos civilizados.

Com essas palavras encerro, por enquanto, o "caso de 1786". É evidente que Portugal sempre teve grandes dificuldades com suas antigas coleções etnográficas ultramarinas. Teixeira (1892:5) citou uma crítica, escrita em 1880, pelo sr. Emile Cartailhac, sobre "*Le Musée Colonial*", na época "installé à l'Arsenal", cuja maior parte do acervo pertencia à Real Academia de Ciências. Segundo Teixeira (nota 4, pág. 5), as coleções da Academia foram emprestadas ao Ministério do Ultramar em 1867, para uma exposição em Paris, no mesmo ano. Quando a coleção voltou a Lisboa, a Academia "*reclamou com instancia por vários officios a sua restituição, mas sem resultado!*".

Em 1893 publicou-se em Madrid um catálogo contendo as diversas contribuições dos países à Exibição de 1892. Nesse "*Catálogo General*", em 3 volumes, temos a informação de que Portugal enviara uma amostra de etnografia americana, além de fazer referência ao Catálogo de Teixeira, citado acima. Esse é todo o esclarecimento que dá quanto aos caminhos percorridos pelas enviadas do Brasil por Rodrigues Ferreira.

Apêndice:

Relatório de Alexandre Ferreira feito em Barcellos (rio Negro) sobre a aspiração de paricá entre os índios Maué.

Transcrição do manuscrito original com data de 13 de fevereiro de 1786.

Memória sôbre Os Instrumentos de que usa o Gentio p.^a tomar o tabaco = Paricá = os quaes serão remetidos no Caixão N.º 7 da primeira remessa do Rio Nêgro.

Todo este aparelho he preciso a o Gentio Magué para tomar a seu modo o tabaco = Paricá = Consta de hum almofariz = Induá = com a sua mão = Induámena = huma escovilha = tapixúna = hum caracol = Yapuruxitá = huma planchêta de madeira e dous óssos das ásas de huma ave juntos hum ao outro. Veja-se a explicação seguinte.

Serve de almofariz huma das ametades em q. dividem acapsula das Castanhas chamadas = do Maranhão = Pizão dentro nelle e reduzem apó subtil os frutos da arvora = Paricá = de pois de torrados. Nelle consiste o seu mais estimado tabaco.

Aque parece escovilha he hum fêche de vêdas da cauda do Tamanduá. Ceu uso, hé o de alimpar o almofariz, e o de estender o tabaco pelo vazado da planchêta.

O caracol (*Helix terrestris*) pela serventia que tem toma o nome de = Paricá-rerú = quer dizer = Caixa de Paricá. Com algum outro pedaço de concha da mesma especie tapão abôca do caracol; grudão-no com a resina do "Anany"; e sem mais custo fica feita a caixa do tabaco. Para o introduzirem nella e para o vasarem na planchêta, ábrem o vertice da espira, e na abertura grudão o bocal, que hé o gargalo de hum cabaço.

A planchêta costuma ter a figura de algũ animal: a que tem a da amostra, dizia o Indio seu dono, que era a de hum Jacaré; a figura, e os lavôres são feitos com os dentes das Cutias e de outros animaes; estes são as suas goivas, formoens, plainas. Da madre perola da concha "Itaã" tingem os olhos embutidos nas cavidades que os devem representar. Aextremidade da peça representa huma pá vazada do meio para baixo: chama-se = Paricá-rendana = val o mesmo q. lugar em q. se vasa o Paricá.

Os dois ossos dos braços das azas, escolhem-se da quellas aves que os tem mais compridos: taes são os Tujujús, Maguary, Ayayás, Tirão o tutano a ambos, ajuntão hum a o outro, mediante o tecido de hum fio fino de algodão, e com a interposição das duas como costas que tem, e são da Palmeira "Paxiúba" = impedem, que do meio para cima, se adjuntem tanto, que não fique impedido e separado o intervallo das ventas. Para os approximarem a ellas grudão nas suas extrimidades superiores os 2 coquilhos da Palmeira = Yu-hue = tirado de dentro o miôlo, descascada a casca exterior, e abertos os buracos. Veja-se o modo de tomar o Paricá.

Despejada no vazado da planchêta aporção que se ha de tomar, nelle se espalha por igual com o cabo da escovilha que representa huma contrabuxa. O que a ha de tomar pega com a chave da mão esquerda no entrunque da planchêta que parece o pescoço do Jacaré, e tendo voltado para si o vazado della, com a direita aproxima às ventas as extremidades superiores dos dois ossos e a o vazado da planchêta asinteriôres. Assim serve pelos dois syphoes a porção que despojou, p.a a tomar. Delle usa o Gentio nas grandes Bacchanaes, chamadas do Paricá, e paa ellas têm huma casa grande feita de proposito sem repartição alguma e porisso denominada = Casa do Paricá = .

Principia a cerimonia das Bacchanaes por huma cruelissima flagellação; açoutão-se reciprocamente huns a os outros com hum azurague de couro do Peixe-boy, Anta ou Veado, na falta disto suppre huma corda de Pita bem torcida do comprimento de huma braça; tem na extremidade huma pedra, ou outro qualquer appenso q. seja solido, e.q. fira. Açoutão-se de dois a dois; o paciente recebe os açoutes de pé, e com os braços abertos em q. to; o flagellante o fustiga à sua vontade; pouco de pois passa flagellante para flagellado, o assim cada parêlha segue o seu turno; nisto consomem 8 dias, elles na cerimonia da flagellação, e as velhas na preparação do Paricá.

e na dos vinhos das frutas e do beijú. Seguese a função de participarem dellas os que participarão dos açoutes. A virtude narcotica do Paricá, o modo de osorver e a demazia dos vinhos obrão com tanta violência, q. os que não morrem algumas vezes suffocados do tabaco, cahem semimortos e cahidos ficão até lhes passar a borracheira. Passa da aprimeira, principia a segunda; hé do estatuto da festa durar a borracheira tanto, quanto durarão os açoutes.

Bibliografia

- Catálogo General de la Exposición Histórico-Americana de Madrid 1892. 3 vols., Madri, 1893.
- Ficalho, Conde de — *Plantas úteis de África Portuguesa*. Agencia Geral da Colónias. Lisboa, 1947.
- Fontes, Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho — Alexandre Rodrigues Ferreira (Aspectos de su vida e obra). *Cadernos da Amazônia*, 10. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Manaus, 1966.
- Lévi-Strauss, Claude — Tribes of the Right Bank of the Guaporé River. *Handbook of South American Indians*, vol. 3:379. Bureau of American Ethnology, Bull. 143 Washington, D.C., 1948.
- Lévi-Strauss, Claude — *Tristes Tropiques*. Paris, 1955.
- Lewin, Louis — *Phantastica, Narcotic and Stimulating Drugs, Their Use and Abuse*. Reeditado com um novo prefácio de Bo Holmstedt. Londres, 1964.
- Lewin, Louis — *Gifte und Vergiftungen*. 5a. reimpresso de Lehrbuchs der Toxikologie. Verlag Georg Stilke, Berlim, Darmstadt.
- Naranjo, Plutarco — Etnofarmacologia de las plantas psicotropicas de América. *Terapia*, ano XXIV:1, pp. 5-62. Revista de informação médica. Laboratórios Life, Quito, 1969.
- Pereira, Nunes — *Os Indios Matéx*. Coleção Rex. Rio de Janeiro, 1954.
- Rondon, Cândido Mariano da Silva — *Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 pelo Sr. coronel Cândido Mariano da Silva Rondon no theatro Phenix do Rio de Janeiro sobre os trabalhos da Comissão Telegraphica e da Expedição Roosevelt*. Diário do Congresso Nacional, Republica dos Estados Unidos do Brazil, Anno XXVI, Domingo, 30 de Janeiro de 1916. N.º 214. Rio de Janeiro, 1916.
- Teixeira de Aragão, A.C. — *Catálogo dos objetos de arte e industria dos indigenas da America que pelas festas commemorativas do 4.º centenario da sua descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia á Exposição de Madrid*. Lisboa, 1892.
- Valle Cabral, Alfredo do — Alexandre Rodrigues Ferreira. Notícia das obras manuscritas e inéditas relativas á viagem philosophica do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, pelas capitánias do Grão-Para, Rio-Negro, Matto-Grosso e Cuyabá (1783-92.) *Annuaire da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* vol. 1:1, 2, 3. Rio de Janeiro, 1876-1878.

- Wassén, S.H. — The Use of some Specific Kinds of South American Indian Snuff and Related Paraphernalia. *Etnologiska Studier*, 28:1-116, Göteborg, 1965.
- Wassén, S.H. — *Anthropological Survey of the Use of South American Snuffs. Ethnopharmacologic Search for Psychoactive Drugs*, pp. 233-289. Ata de um simpósio realizado em São Francisco, Califórnia, Janeiro 28-30, 1967. Workshop Series in Pharmacology, N.I.M.H., n.º 2. Health Service Publication n.º 1645. U.S. Government Printing Office. Washington, D.C., 1967.
- Wassén, S.H. — *Om några indianska droger och speciellt om snus samt tillbehör*. Etnografiska Museet, Göteborg, Arstryck, 1963-1966:97-140. Göteborg, 1967å.
- Wassén, S.H. — Om bruket av hallucinogena snuser av sydamerikanskt ursprung. *Sydsvenska Medicinhistoriska Sällskapets Arsskrift* 1969:70-98. Malmö, 1969.
- Watt, John Mitchell e Breyer-Brandwijk, Maria Gerdina — *The Medicinal and Poisonous Plants of Southern and Eastern Africa*. 2a. ed. Edimburgo e Londres, 1962.
- Zerries, Otto — Beiträge zur Kulturgeschichtlichen Beziehung der Südanden zum tropischen Waldland Südamerikas. *Tribus*, n.º 17:129-142. Stuttgart, 1968.